Entretextos

ENTRETEXTOS. Londrina, v. 26, esp.1, 2026.
ISSN 1519-5392 UEL
DOI:10.5433/1519-5392.2026.v26.54889

A escola que queremos *versus* a escola plataformizada: o caso do Inglês Paraná

The school we want versus the platformized school: the case of Inglês Paraná

La escuela que queremos frente a la escuela plataformizada: el caso de Inglês Paraná

Samantha Gonçalves Mancini Ramos[1]
0000-0002-3914-4859
Andressa Cristina Molinari[2]
0000-0002-7981-9435

RESUMO: Este artigo apresenta uma análise do processo de plataformização da educação na rede pública estadual do Paraná, tomando como objeto de estudo o programa "Inglês Paraná". Fundamentado na pedagogia histórico-crítica, o estudo contrapõe as bases de uma escola comprometida com a formação humana omnilateral ao modelo de escola plataformizada e gerencialista, impulsionado pelas corporações de tecnologia educacional (EdTechs). O percurso metodológico reconstrói essa contradição dialética por meio de quadros analíticos comparativos e propõe, como síntese superadora, a inserção crítica de produtos educacionais disponibilizados em Plataformas Digitais Educativas que estejam sob o controle e intencionalidade pedagógica do professor. Como exemplo de práxis, analisa-se um produto educacional voltado ao ensino de língua inglesa por meio de contos africanos de tradição oral, promovendo o Letramento Racial Crítico. Conclui-se que, embora a plataformização neoliberal imponha o controle algorítmico e a precarização do trabalho docente, a apropriação crítica das mídias digitais na escola constitui um espaço de resistência viável para a democratização do conhecimento e a emancipação social.
PALAVRAS-CHAVE: Plataformização da Educação; Pedagogia Histórico-Crítica; Inglês Paraná.

ABSTRACT: This article presents an analysis of the platformization process of education in Paraná state public school system, taking as its object of study the program “*Inglês Paraná*”. Grounded in critical-historical pedagogy, the study contrasts the bases of a school committed

[1] Doutora em Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Londrina. saramos@uel.br
[2] Doutora em Educação. Universidade Federal Fluminense. amolinari@id.uff.br

to omnilateral human formation with the model of a platformized and managerial school, driven by the corporate ideology of neoliberal education (Ed Techs). The research methodology reconstructs this contradiction dialectically through comparison analysis charts, as well as through the critical insertion of educational products made available on Digital Educational Platforms that are managed and intentionally guided by teacher pedagogy. As a practical example, the study analyzes an educational product focused on English language teaching through oral tradition stories, promoting Critical Racial Literacy. It concludes that, although neoliberal platformization imposes algorithmic control and the precarization of teaching work, the critical and politicized appropriation of digital media in schools constitutes a viable space of resistance for the democratization of knowledge and social emancipation.
KEYWORDS: Platformization of Education; Critical-historical Pedagogy; Inglês Paraná.

RESUMEN: Este artículo presenta un análisis del proceso de plataformización de la educación en la red pública estatal de Paraná, teniendo como objeto de estudio el programa “Inglês Paraná”. Fundamentado en la pedagogía histórico-crítica, el estudio contrapone las bases de una escuela comprometida con la formación humana omnilateral al modelo de escuela plataformizada y gerencialista, impulsado por la ideología empresarial de la educación neoliberal (Ed Techs). La metodología de investigación reconstruye dialécticamente esta contradicción mediante el uso de Cuadros Analíticos Comparativos propios, así como a través de la inserción crítica de productos educativos disponibles en Plataformas Digitales Educativas, gestionados e intencionalmente orientados por una pedagogía docente. Como ejemplo práctico, el estudio analiza un producto educativo centrado en la enseñanza de la lengua inglesa através de cuentos africanos de tradición oral, promoviendo lel Alfabetización Racial Crítica. Se concluye que, aunque la plataformización neoliberal imponha el control algorítmico y precarización del trabajo docente, la apropiación crítica y politizada de los medios digitales en la escuela constituye un espacio de resistencia viable para la democratización del conocimiento y la emancipación social.
PALABRAS CLAVE: Plataformización de la Educación; Pedagogía histórico-crítica; Inglés Paraná.

Introdução

As “plataformas digitais educacionais” compreendem: ambientes virtuais de aprendizagem (Moodle, Teleduc, Blackboard), aplicativos educacionais que podem ser utilizados para inovar as aulas (Kahoot, Quizlet, Prova Fácil), ferramentas para a gestão escolar (Geekie Lab, WPensar), plataformas de jogos eletrônicos e realidade virtual (Matific, Ludo Educativo, Escola Games) e, também, plataformas de aprendizado comerciais online com recursos de autoestudo contendo vídeo aulas, quizzes, fóruns de discussão e tarefas (Khan Academy, Duolingo, Genially, Udemy).

Entendemos que a inserção dessas plataformas digitais educacionais (doravante PDE) no contexto escolar deve ser viabilizada de forma que novas práticas

Licença CC BY 4.0

pedagógicas possam ser criadas pelos educadores e incorporadas àquelas já existentes, de forma a aprimorá-las. Nesse processo, o professor é o mais indicado para a criação de conteúdos por estar mais próximo à realidade escolar, sendo necessário que a escola ofereça boas condições de acesso às tecnologias educacionais. Entretanto, nem sempre é esse o cenário que encontramos no contexto brasileiro.

No Brasil, o fenômeno da plataformização tem sido alvo de inúmeras investigações, englobando análises de políticas educacionais implementadas no período da pandemia (Silva, 2022), discussões acerca do fenômeno por meio de uma perspectiva teórico/crítica (Balieiro, 2022), impactos no sistema de avaliação na qualidade da educação (Matos, 2022; Savaris, 2022), investigações das ferramentas de controle implementadas pelo governo (Vieira, 2023; Sabadini *et al*., 2022), o conceito de ciberdemocracia de Lévy (Ferreira, 2023), a precarização do trabalho docente (Cavazzanni; Santos; Lopes, 2023), entre outros.

Nos últimos anos, o contexto educacional paranaense foi tomado por PDE[3], aplicativos[4], ferramentas web[5] e canais educacionais[6]. Considerando que a utilização das tecnologias digitais no contexto escolar foi acelerada pelo cenário pandêmico, essa ampliação foi apresentada como um caminho viável no discurso governamental, entretanto, esse movimento tem criado graves conflitos entre os envolvidos[7].

Em 2021, a Secretaria de Educação do Estado do Paraná (SEED/Pr), sem consulta prévia aos educadores ou especialistas na área, optou pela compra de *logins* de acesso a uma PDE intitulada *Inglês Paraná*, que é um exemplo de plataforma de aprendizagem comercial online com recursos de autoestudo. O investimento estimado em R$ 13 milhões foi realizado para a empresa *Education*

[3] Desafio Paraná, Eja EaD Paraná, Programação Paraná, Inglês Paraná (EF), Inglês Professor, Leia Paraná, Matemática Paraná (Khan Academy / Matific, Redação Paraná, Sala Virtual Paraná) (Paraná, 2026a).
[4] Acervo digital, Classroom, Escola Paraná Professor, Registro de Classe Online (RCO), Corrige, Scratch, Sere, entre outros, (Paraná, 2026b).
[5] Canva, Chat GPT, Gemini, Genially, Mentimeter, Padlet, Prezi e YouTube.
[6] Aula Paraná e YouTube Edu.
[7] No site da APP Sindicato, há denúncias sobre o excesso de plataformas, sobre a exigência de metas abusivas e estrutura inadequada para o uso das mesmas e relatos de repúdio dos educadores.

Licença CC BY 4.0

First (EF) que, segundo a SEED/Pr, busca "estimular e facilitar o aprendizado do inglês para os alunos da rede estadual paranaense". Na prática, a referida PDE direciona os alunos da Educação Básica e do Ensino Médio paranaense a um curso online com foco em Inglês para negócios (Santana; Santana; Figueiredo, 2022), distanciando-se de uma formação digital crítica.

Para dar conta dos gastos realizados, tal plataforma foi implementada gradativamente no contexto escolar até a obrigatoriedade de sua utilização pelos estudantes dentro da carga horária semanal da disciplina. Sem relação com preceitos preconizados nos documentos educacionais oficiais (Base Nacional Comum Curricular, Currículo da Rede Estadual Paranaense), essa determinação atingiu fortemente a autonomia docente e subverteu a escolha dos professores por ferramentas educacionais a serem incorporadas às práticas pedagógicas já em andamento.

A utilização forçada da plataforma gerou um efeito retroativo, e a SEED/Pr passou a disponibilizar um "material digital" aos professores de Língua Inglesa do estado a ser utilizado nas aulas com conteúdos relativos àqueles apresentados na referida plataforma, desta vez, desconsiderando também o gigantesco investimento do governo federal no Programa Nacional do Livro Didático.

Os primeiros estudos sobre a plataforma Inglês Paraná começaram a ser publicados com foco na análise das atividades propostas (Silva, 2023) e na identificação das representações, dos discursos e das ideologias apresentadas pela SEED/Pr e por professores em formação inicial e continuada (Deus, 2024). Muitas outras pesquisas se encontram em andamento no âmbito acadêmico; esse é um movimento dos programas de pós-graduação do estado para a promoção de uma análise crítica dos formatos pedagógicos e das potencialidades da referida plataforma que, indubitavelmente, deveria ter sido conduzida antes de sua implementação.

O objetivo deste artigo, diante de seu cenário complexo, é, primeiramente, apresentar a "escola que queremos" pautada nos pressupostos que dão sustentação a uma concepção de escola como um espaço de cooperação, coletividade e de socialização do saber a partir da práxis transformadora (Marx, 2011) para, em

Licença CC BY 4.0

seguida, contrastá-los com as características da “escola plataformizada” nos moldes da plataforma *Inglês Paraná*, que tem como base a racionalidade técnica" ou "é pautada em uma vertente tecnicista na qual o professor passa a ser exigido como um profissional capaz de executar técnicas (Saviani, 1982), o que traz para a escola uma organização de um sistema de fábrica e inviabiliza o trabalho pedagógico. Por fim, objetivamos caracterizar como as PDE podem potencializar práticas que levem a superação de uma visão mercantil da educação, apresentando uma proposta educacional produzida no âmbito da pós-graduação no estado do Paraná.

A escola que queremos *versus* a escola plataformizada

Desde sua criação, a escola é o espaço que consolida ideologias. Assim, pensar sobre a educação é também refletir sobre uma prática educativa que ressignifique a relação trabalho-educação para a formação do homem omnilateral[8]. Para que a educação assuma seu papel soberano “tanto para a elaboração de estratégias apropriadas e adequadas para mudar as condições objetivas de reprodução, como para a automudança consciente dos indivíduos” (Mészáros, 2008 p. 65), é premente a formação de uma ordem social em que não somente o trabalho, mas também a educação, sejam universalizados. Os processos de ensino e de aprendizagem podem surgir aqui como um movimento de resistência a partir de estratégias que atendam a uma mudança consciente das relações socio reprodutivas que permeiam tanto a desigualdade material quanto sociopolítica, superando tais contradições.

Nesse sentido, educação e trabalho não podem ser entendidos separadamente, pois o modo de produção da vida material deve ser compreendido a partir de sua totalidade, em que a educação é determinada diretamente pelo modo de produção das relações sociais, econômicas e históricas. Assim, os processos de

[8] O termo se refere à formação de um indivíduo pleno, completo e multidimensional, desenvolvido em todas as suas potencialidades. A omnilateralidade é definida como o estágio em que o homem atinge a totalidade de suas capacidades produtivas e do gozo (bens materiais e espirituais), chegando ao máximo de suas potencialidades (Marx; Engels 2007). Ela se realiza a partir do trabalho, categoria central do MHD. Esse homem completo (omnilateral) não é alienado de sua força de trabalho.

Licença CC BY 4.0

ensino e de aprendizagem são determinados sócio-historicamente em um movimento dialético de produção da vida material e imaterial, e somente a união entre trabalho material e imaterial é capaz de causar alterações em direção à formação do homem omnilateral.

Assim, Gramsci (1987) trata da ação educativa como a passagem de uma práxis revolucionária para uma práxis educativa, cindindo o homem prático do homem consciente. A partir da compreensão que a educação tem na elevação cultural, política, social e, considerando que, em contrapartida, as classes atuam na manutenção de uma hegemonia dos aparelhos do estado, o autor assevera que a educação intelectual deve estar voltada à formação total do ser.

A escola então se assume como um espaço de cooperação, coletividade e de socialização do saber a partir da práxis transformadora. Nesse entendimento, o trabalho é assumido como categoria central do princípio educativo de onde tem-se, como resultado, uma formação omnilateral. A escola que almejamos é aquela permeada pelos pressupostos de uma pedagogia em que a sala de aula é um local de investigação, integração, sociabilidades, debates e interações. Ao nos pautarmos na pedagogia histórico-crítica, compreendemos a educação como prática de liberdade e essencialmente problematizadora. Os estudantes são incentivados a refletir sobre sua realidade, a fazer perguntas e a entender o mundo como algo que pode ser transformado por meio de uma ação coletiva.

O processo de ensino-aprendizagem não é hierárquico, mas colaborativo. Desta forma, a escola é baseada no diálogo, que é visto como elemento essencial para promover essa formação, sendo, o professor, um mediador de um processo dialógico em que os agentes possam analisar, criticamente, as razões para suas ações, e que direção querem tomar. Faz-se necessário reconhecer que o conhecimento está vinculado a uma prática social construída historicamente pelo homem, possibilitando-lhe conhecer e reconhecer-se como um ser social, cultural e histórico-político (Mészáros, 2008).

Nessa escola, busca-se a superação de concepções teóricas das décadas de 1980 e 1990, que se limitam a “repetir o surrado bordão de denúncia do anacronismo, do autoritarismo e do espírito verbalista e livresco da escola

Licença CC BY 4.0

tradicional" (Duarte, 2006, p. 100). Tais concepções se pautam na ideia de que cabe ao professor ensinar e buscar conhecimentos que sejam úteis para o cotidiano do aluno. A escola preconizada em uma perspectiva sócio-histórica e dialética deve levar ao processo de reprodução da humanidade em cada indivíduo, colocando a educação a serviço de uma nova forma de organização da vida em sociedade (Duarte, 2016; Saviani, 2008).

Desta forma, a educação não pode ocorrer de maneira neutra, pois ela reconhece que o conhecimento e o processo educacional estão ligados às condições sociais, culturais e políticas. De fato, a escola deve levar em conta o contexto social e político em que está inserida e os alunos são encorajados a refletir sobre as desigualdades, injustiças e formas de opressão em suas próprias realidades.

Entretanto, sabemos que a educação sofre determinações e interesses da sociedade na qual está imersa, e que essa mesma sociedade valoriza uma educação pautada em uma "disponibilidade para aprender" (Duarte, 2016). Porém, ao levarmos em consideração apenas as necessidades imediatas do mercado, não estamos nos preocupando com a formação desses sujeitos, e menos ainda com os impactos das escolhas que esses indivíduos farão na sociedade futura. Assim, a escola deve ultrapassar a ideia de ser apenas um lugar de transmissão de conteúdos acadêmicos: ela deve se tornar um espaço onde os alunos podem se tornar agentes da mudança.

Por sua vez, a pedagogia histórico-crítica busca a formação de sujeitos conscientes ao papel da atividade educativa. É preciso explorar as contradições no que se refere à socialização do saber, compreender que esse movimento é necessário e está inserido em um aspecto mais amplo das lutas de classes, ou seja, pensar na educação para a transformação das relações de produção e na socialização do saber (Saviani, 2008).

Desta forma, a escolha do conteúdo curricular deve ser conduzida de forma democrática, considerando os interesses e as necessidades dos alunos, para que o aprendizado seja mais significativo. A pedagogia histórico-crítica valoriza o conhecimento prévio e as experiências de vida dos alunos. Nessa perspectiva,

Licença CC BY 4.0

torna-se essencial entender a educação como local de lutas políticas e ideológicas e a escola como espaço educativo que produz a vida material por meio das experiências intelectuais mediadas.

No que tange à autonomia do fazer pedagógico, compreendemos que os que produzem conhecimento (que podem de alguma forma possibilitar certa autonomia) e aqueles que cumprem com as tarefas e obedecem às decisões estão separados em um processo de dicotomização, ambos alienados em relação à concepção da real autonomia humana como uma possibilidade de emancipação da autonomia como poder criador (Marx, 2004).

Ressaltamos que a formação para a vida pode, muitas vezes, ser confundida com a esfera da produção econômica e de inserção desse indivíduo no mercado de trabalho, atendendo a necessidades neoliberais. No quadro 01, a seguir, ilustramos a "escola que queremos" através das dimensões analíticas apresentadas.

Quadro 01 – Dimensões analíticas da escola que queremos dentro da pedagogia histórico crítica.

Eixo de Análise	A Escola que Queremos	Fundamentação Teórica / Conceitual
Concepção de Educação e Trabalho	Indissociáveis. A educação é determinada pelas relações sociais e históricas. Busca-se a união entre o trabalho material e imaterial para superar a alienação e a desigualdade material e sociopolítica.	Visão de totalidade; superação da divisão entre quem concebe e quem executa (Marx, 2004).
Objetivo da Formação Humana	Desenvolvimento do homem omnilateral: pleno, completo, multidimensional, desenvolvido em todas as suas potencialidades produtivas e de gozo de bens materiais e espirituais.	Omnilateralidade como estágio máximo das potencialidades humanas (Marx; Engels, 2007).
Papel da Escola e Espaço Escolar	Espaço de cooperação, coletividade, investigação, integração e socialização do saber científico e histórico. Local de resistência e de práxis transformadora.	Passagem da práxis revolucionária para a práxis educativa (Gramsci, 1987).
Dinâmica de Ensino-Aprendizagem	Não hierárquica e colaborativa. Pautada no diálogo e na problematização. O professor atua como mediador dialógico para que os agentes analisem criticamente suas ações.	Pedagogias críticas; a educação como prática de liberdade e essencialmente problematizadora.
Currículo e Conhecimento	Supera o conhecimento puramente utilitário ou imediatista do mercado. Valoriza o saber historicamente construído, integrado às	Pedagogia Histórico-Crítica; socialização do saber sistematizado dentro da luta de

Licença CC BY 4.0

Eixo de Análise	A Escola que Queremos	Fundamentação Teórica / Conceitual
	experiências de vida e necessidades dos alunos de forma democrática.	classes (Saviani, 2008; Duarte, 2016).
Concepção de Autonomia	Supera a mera aquisição individual de competências para o mercado (visão neoliberal). A autonomia real é vista como poder criador e emancipação, construída pela consciência que orienta a práxis.	A consciência como produto do trabalho e orientadora da práxis humana (Cheptulin, 1982; Marx, 2007).
Posicionamento Político-Social	Educação não neutra. Reconhece as determinações sociais e incentiva os estudantes a refletirem e agirem coletivamente contra as desigualdades, injustiças e opressões.	Mudar as condições objetivas de reprodução social e promover a automudança consciente dos indivíduos (Mészáros, 2008).

Fonte: Elaborado pelas autoras com base em Duarte (2016), Gramsci (1987), Mészáros (2008) e Saviani (2008).

Definidas as características da escola que desejamos, passamos agora a descrever a escola plataformizada nos moldes do Inglês Paraná. Como mencionado anteriormente, a referida plataforma de aprendizagem se caracteriza pela disponibilização de recursos de autoestudo[9], e seu uso na rede pública de ensino no estado se tornou "obrigatório", sendo sugerido que os alunos cumpram, individualmente, uma lição e meia por semana nos laboratórios de informática das escolas.

Ao analisar as atividades de leitura propostas na referida plataforma, Silva (2023) evidenciou a predominância de exercícios que se limitam ao nível de compreensão literal, além de atividades repetitivas e por vezes mecanizadas de fixação de vocabulário e gramática. O autor também apontou que a proposta para leitura oferecida pela plataforma não condiz com os pressupostos teóricos da leitura como construção de sentido e que, apesar de a plataforma ser um recurso digital multimodal, as atividades de leitura não exploram em profundidade a multimodalidade e os multiletramentos.

[9] O acesso às atividades ocorre a partir de testes de nivelamento e cursos com 16 níveis de ensino que, de acordo com a empresa responsável, Education First, estão alinhados ao Quadro Comum Europeu de Referências para Línguas (CEFR). Os cursos estão organizados em lições que dividem vocabulário, gramática e expressões da língua também contando com tarefas de *listening* e *speaking*. O público-alvo são alunos do Ensino Fundamental II (6º, 7º, 8º e 9º ano) e do Ensino Médio (1ª, 2ª e 3ª séries) da rede pública estadual.

Licença CC BY 4.0

Este modelo de plataformização exemplificado pela adoção do Inglês Paraná está pautado no atendimento às necessidades individuais, princípio básico do neoliberalismo, nos ritmos próprios de aprender a ler, contar e de maior acesso a conhecimentos gerais e flexibilidade de lugar e hora para aprender. Com esse foco neoliberal, a escola plataformizada oferece terreno fértil para a consolidação das EdTechs[10] que tendem a crescer através do discurso sobre o empreendedorismo na formação do aluno como sujeito que se faz por si próprio. Esse processo resulta na tendência de ampliação da mistura entre educação e treinamento corporativo apresentadas como qualificação para o trabalho: — uma lógica de educação mais empresarial e não do trabalho como princípio educativo (Pessanha, 2023). Ainda segundo o autor:

> Gestores e donos das PDEs (Ed Techs) vendem a ideia difusa do progresso e da modernização, a partir da oferta de novas ferramentas de ensino e de uma certa autonomia, em que o trabalho poderia ser feito on-line (de casa, através do chamado home office), com maior alcance geográfico para dar aulas para outros bairros, municípios e regiões. Junto acompanhava a ainda a vaga sugestão de que esse modelo poderia possibilitar também maiores ganhos financeiros para professores, etc. Esse discurso de vantagens também foi vendido aos alunos, a partir da possibilidade da flexibilidade de horários com o on-line das PDE e aplicativos; oferta de cursos mais rápidos, cumprimento de etapas com certificação; oferta ainda de cursos técnicos e superiores com valores acessíveis às famílias de rendas mais baixas, enquanto os donos das PDEs ampliavam seus faturamentos com a massificação das matrículas.

Da mesma forma, a plataformização contribui para o discurso controverso de modernidade tecnológica presente na sociedade capitalista. Na prática, veremos “professores sendo substituídos por mentores e tutores com diminuição dos postos de trabalho que eram cativos dos docentes” (Pessanha, 2023). A inserção de plataformas tende a ampliar a gamificação (simuladores, jogos) no contexto

[10] As EdTechs (abreviação de *Educational Technology*, ou Tecnologia Educacional) são empresas, *startups* ou iniciativas que desenvolvem e aplicam soluções tecnológicas para melhorar, facilitar e transformar os processos de ensino e aprendizagem. Enquanto as BigTechs dominam a infraestrutura digital ampla, as EdTechs são focadas especificamente no ecossistema educacional. Elas atuam desde a educação básica até o ensino superior, o treinamento corporativo e a aprendizagem ao longo da vida (*lifelong learning*).

Licença CC BY 4.0

educacional, o que pode levar a uma lógica da competição, redução da autonomia e excesso de instruções programadas.

Ainda nesse cenário, a escola é marcada pelo controle quase total sobre o trabalho dos professores na forma de ensinar e no direcionamento dos conteúdos em um movimento de neotaylorismo[11] (Pessanha, 2023). Na prática, a plataformização da educação é um esquema que tende a fortalecer as bases e as condições para uma maior terceirização e privatização, através da contratação de empresas[12] e seus tutores ou consultores, atrelado ao discurso neoliberal[13] de redução de custos nos sistemas públicos de educação e o foco na "produtividade".

No que se refere à autonomia pela lógica das plataformas, entendemos que esta é baseada em uma vertente tecnicista, na qual o professor passa a ser exigido apenas como um profissional capaz de executar técnicas, seguir planos de aulas pré-elaborados e se utilizar de instruções programadas. Percebe-se que a autonomia é então alheia ao indivíduo. Essa corrente filosófico-pedagógica compreende o ensino como uma série de atividades, técnicas e práticas que contribuem apenas para a adaptação dos sujeitos nas práticas cotidianas da profissão.

Porém, a aprendizagem precisa possibilitar a compreensão da totalidade da realidade por meio da apropriação dos conteúdos e a partir da interação entre si e o objeto inseridos em uma atividade que seja capaz de dirigir a ação para novas

[11] O neotaylorismo é a releitura moderna e a adaptação das práticas do Taylorismo no início do século XX para o contexto da economia digital, do trabalho em escritórios e do setor de serviços. Se o taylorismo clássico focava em cronometrar os movimentos de operários em linhas de montagem industriais para maximizar a produtividade física, o neotaylorismo utiliza tecnologias digitais, algoritmos e monitoramento constante para controlar, medir e padronizar o trabalho intelectual, criativo e de serviços.

[12] Este movimento de contratação de empresas privadas pode ser verificado no contexto paranaense conforme levantamento realizado pela Sindicato dos Professores e Funcionários de Escola do Paraná que identificou que, em 2024, a quantidade de recursos públicos da SEED/Pr destinados à contratação de consultorias privadas sem licitação aumentou 541% em relação à 2023 (Rodrigues, 2024).

[13] Um exemplo desse ideário neoliberal pode ser observado no Concurso Inglês Paraná 2024 - Etapa Ensino Médio, uma atividade realizada pela SEED/Pr com o apoio do Sistema FAEP/Senar. A proposta aponta o objetivo de "contribuir com o aprimoramento da proficiência dos estudantes da rede estadual em Língua Inglesa", mais especificamente de estudantes e professores da etapa do Ensino Médio que participam do Programa *Inglês Paraná*. Em resumo, após o desenvolvimento das atividades propostas no referido concurso, alunos e professores concorrem a medalhas e smartphones que são entregues em cerimônias de premiação.

Licença CC BY 4.0

formas de apropriação. Em outros termos, “compreender seu objeto de análise para além da aparência dos fenômenos que se manifestam empiricamente e são captáveis fenomenicamente pela nossa percepção” (Lavoura; Martins, 2017, p. 534).

Reiteramos que a educação deve formar para a vida, contrapondo-se à ideia de educação como mercadoria, assim como sugerem Marx, Mészáros, Saviani, Duarte, já pontuados nessa discussão. Partindo, então, do princípio de que a educação é o processo de reprodução da humanidade em cada indivíduo, de uma nova forma de organização da vida em sociedade, em que o foco seja a formação de todos os indivíduos de maneira livre e universal “cada qual segundo sua capacidade, cada qual segundo suas necessidades” (Marx, 2015 p. 26), essa prática não pode ser utilitarista. É preciso compreender que a utilidade de se fazer ciência se relaciona com a utilidade social, e o útil é o conhecimento que transforma a realidade (Vázquez, 1977).

Nesse percurso de inserção de PDE, as escolas podem deixar de se configurar como ambientes de aprendizagem para se tornarem centros de certificação de títulos e cursos. Esse dualismo que reflete os dias atuais exige que a formação do trabalhador esteja focada em atender aos imperativos do mercado. Esse mesmo mercado, muitas vezes, define os valores, saberes sociais e culturais necessários para a formação escolar desse trabalhador. Porém, é fundamental acreditar na possibilidade de uma proposta educativa na qual o trabalho, a ciência e a cultura sejam imanentes, concebendo o conhecimento vinculado a práxis, que é historicamente construída pelo homem.

Nesta seção, apontamos os pressupostos que embasam a escola que ambicionamos, e também pontuamos que a escola plataformizada nos moldes da plataforma Inglês Paraná tem como base uma racionalidade técnica que, de certo modo, despreza o conhecimento científico, uma vez que, para essa concepção, o conhecimento teórico e científico não tem coerência com a prática pedagógica do cotidiano dos professores. No quadro 02, a seguir, ilustramos as dimensões analíticas da escola plataformizada sob a ótica da teoria crítica.

Licença CC BY 4.0

Quadro 02 – Dimensões analíticas da escola plataformizada sob a ótica da teoria crítica.

Eixo de Análise	A Escola Plataformizada	Fundamentação Crítica (Duarte, Saviani, Mészáros e Marx)
Concepção de Educação e Trabalho	Subordinação da escola aos interesses das corporações de tecnologia (Big Techs). O trabalho docente é fragmentado, controlado por métricas algorítmicas e esvaziado de sua dimensão intelectual (uberização/precarização).	Dicotomização e alienação entre concepção (plataformas/sistemas) e execução (professores/alunos) (Marx, 2004).
Objetivo da Formação Humana	Formação do trabalhador flexível e adaptável, pautado apenas na constante "disponibilidade para aprender" de forma individualizada para atender às flutuações do mercado de trabalho.	Oposição à omnilateralidade; redução do sujeito a um agente funcional para a esfera da produção econômica neoliberal (Duarte, 2016; Marx, 2007).
Papel da Escola e Espaço Escolar	Entendida como um centro de consumo de serviços e dados digitais, onde o espaço físico de socialização coletiva é enfraquecido pela mediação e pelo isolamento das telas.	Perda da escola como espaço de cooperação, coletividade e práxis revolucionária/transformadora (Gramsci, 1987).
Dinâmica de Ensino-Aprendizagem	Individualizada, baseada em listas de conteúdo, gamificação e consumo de módulos digitais. O professor deixa de ser o mediador do conhecimento sistematizado para se tornar um "gerenciador de plataforma" ou tutor de tarefas.	Esvaziamento do caráter dialógico e colaborativo do ensino; a aprendizagem perde sua dimensão de prática de liberdade (Pedagogia Crítica).
Currículo e Conhecimento	Currículo pragmático, utilitarista e focado em competências instrumentais e imediatas. Há um esvaziamento do conhecimento clássico e científico sistematizado em nome de saberes rápidos para o cotidiano.	Crítica ao "surrado bordão" do utilitarismo e do esvaziamento curricular, limitando a reprodução da humanidade em cada indivíduo (Duarte, 2006, 2016; Saviani, 2008).
Concepção de Autonomia	Confundida com a capacidade individual de navegar sozinho em plataformas digitais ("self-learning" / "autodidatismo"). Trata-se de uma autonomia alienada, focada em gerir o próprio desempenho.	Falsa autonomia que mascara a falta de emancipação real e de poder criador; desprovida da práxis e da consciência histórica (Cheptulin, 1982; Marx, 2007;).
Posicionamento Político-Social	Aduz uma falsa neutralidade técnica e algorítmica. Oculta as contradições da luta de classes e as desigualdades materiais sob o discurso do "solucionismo tecnológico".	Manutenção da hegemonia dos aparelhos de Estado e das relações sócio-reprodutivas da desigualdade material (Gramsci, 1987; Mészáros, 2008).

Fonte: Elaborado pelas autoras, com base em Cheptulin, (1982), Duarte (2006, 2016), Marx (2004, 2007), Mészáros (2008) e Saviani (2008).

Licença CC BY 4.0

A seguir, apresentaremos o percurso metodológico deste estudo e a caracterização de propostas que possam promover a escola que desejamos utilizando PDE.

Percurso metodológico na busca de superação da escola plataformizada

Este estudo é marcado pelo entendimento de que a contradição é interna a todas as coisas, sendo que o antagonismo não é uma anomalia temporária, mas parte constituinte do desenvolvimento de qualquer conceito ou fenômeno. Nesta perspectiva, utilizamos os pressupostos da pesquisa dialética para o desenvolvimento deste estudo, que é fundamentado nas contribuições de Konder (1981) e Gamboa (2007), autores que nos oferecem uma base epistemológica robusta para investigações que pretendem superar o caráter meramente descritivo de uma revisão de literatura.

Segundo os autores, a lógica dialética aplicada às pesquisas considera 3 aspectos: 1) a tese: a corrente teórica ou a perspectiva dominante na literatura sobre determinado fenômeno, o ponto de partida, a visão estabelecida ou a primeira categoria analisada no levantamento bibliográfico; 2) a antítese: as vozes dissonantes, os dados empíricos conflitantes, os contra-argumentos ou as teorias rivais encontradas na própria literatura de forma a evidenciar os limites, as lacunas e as contradições da tese e 3) a síntese: a superação proposta pelo pesquisador como uma nova perspectiva que integra os aspectos válidos tanto da tese quanto da antítese, resolvendo a contradição teórica em um nível superior de compreensão.

Neste processo investigatório, caracterizamos a tese a partir dos pressupostos que regem a “escola que queremos” pautada na perspectiva sócio-histórica e consideramos a educação e o trabalho como indissociáveis, objetivando o desenvolvimento do homem omnilateral. Entendemos a escola como um espaço de cooperação, a dinâmica escolar como não hierárquica e colaborativa, o currículo que valorize o saber construído, a autonomia como emancipatória e a importância do reconhecimento das determinações político-sociais da educação.

Licença CC BY 4.0

A “escola plataformizada” é caracterizada como a antítese deste estudo, contradizendo a tese apresentada ao conceber a escola subordinada aos interesses de grandes empresas, a formação humana voltada às flutuações do mercado, a escola como centro de consumo e serviços, o processo de ensino-aprendizagem pautado no consumo de módulos digitais, o professor como mediador de plataformas, o currículo como utilitarista, a autonomia confundida com a capacidade individual e a escola associada a uma falsa neutralidade.

Definidas a tese e a antítese, partimos para a síntese, “a superação da escola plataformizada”, trazendo novas perspectivas que integram os aspectos válidos tanto da tese quanto da antítese na tentativa de resolver a contradição teórica. Esta síntese será apresentada a partir de um produto educacional produzido[14] no Mestrado Profissional em Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Estadual de Londrina. Tal produto é caracterizado como um protótipo de ensino (Rojo, 2017) definido como materiais de ensino digitais abertos, flexíveis, interativos, editáveis, navegáveis, que possibilitam a interação e são passíveis de colaboração.

A inserção de PDE no sistema educacional de forma a cultivar a escola que desejamos

Nesta seção, esclarecemos como se caracterizam as propostas educacionais que podem potencialmente promover a escola que desejamos a partir da utilização de PDE. Para tanto, é importante reafirmar que, na escola que ambicionamos, há lugar para as tecnologias educacionais; advogamos, apenas, que os educadores devem ter papel ativo na criação de práticas pedagógicas alicerçadas por tecnologias educacionais, e que essas sejam incorporadas àquelas já existentes e tenham como base pressupostos teóricos/metodológicos que possam se aproximar de uma formação humana omnilateral, uma vez que a imposição de PDE, numa política *top down*, inviabiliza o processo de ensino-aprendizagem.

A autonomia docente precisa então superar a contradição entre suprir as necessidades mercadológicas, anseios da sociedade e a produção de conhecimento

[14] A apresentação de apenas um produto se dá pela questão do espaço disponível no artigo. Entretanto, é possível acessar dezenas de produtos desta natureza no site do programa: meplem.com.br (UEL, 2026).

Licença CC BY 4.0

científico. A autonomia, como uma das determinantes da práxis, precisa ser capaz de gerar a transformação na e pela prática. O processo de transmissão e assimilação do conhecimento deve, assim, ser compreendido como autônomo.

Ao que analisamos, na plataforma, a autonomia esbarra nas “orientações pré-estabelecidas”, ou seja, as decisões independem do sujeito, pois são guiadas por uma consciência que não pertence a esse indivíduo. Esse poder de decisão é então limitado por outrem. Em Marx (2007) compreende-se que a limitação da autonomia e sua completa anulação é um movimento histórico, pois a “força que conserva o valor e cria o novo valor é, por conseguinte, a própria força do capital e este processo apresentam-se como processo de autovalorização do capital” (Marx, 2004, p. 54). Assim, há o empobrecimento do indivíduo, que cria um valor para seu trabalho, ainda que esse valor não lhe pertença. Percebe-se que a autonomia é então alheia ao indivíduo.

O produto educacional produzido por Bermejo (2025), apresenta o continente africano como um lugar culturalmente rico e diverso, repleto de histórias e memórias que têm influência em diversos aspectos sociais ao redor do mundo. No entanto, diante de sua desvalorização nos livros didáticos, e com o intuito de ressignificar a África, o autor criou um repositório educacional digital que oferece atividades baseadas em contos populares africanos para alunos e professores dos anos finais do ensino fundamental considerando os pressupostos do Letramento Racial Crítico (LRC) de forma a refletir sobre raça e racismo, possibilitando a compreensão do impacto que esses termos têm na construção da identidade social. Wordwall, Efuturo.com, Kahoot!, YouTube e outros websites foram utilizados na produção das atividades disponibilizadas no repositório.

As expectativas de contribuição para os que acessam o site são que, ao apresentar uma perspectiva diferente sobre o continente africano, os estudantes negros possam ter uma melhor compreensão de sua ancestralidade e sintam-se representados. Da mesma forma, os estudantes que não fazem parte desse grupo étnico-racial têm a oportunidade de desconstruir ideias e conceitos equivocados que foram construídos ao longo de suas trajetórias escolares e familiares.

Em relação à escola que queremos — a tese deste estudo — a proposta de

Licença CC BY 4.0

Bermejo (2025) atua na construção da identidade social e no combate ao racismo estrutural caracterizando o trabalho docente como práxis criadoras de resistência ideológica, superando a mera instrumentalização (formação humana desalienada). Da mesma forma, o produto pode levar ao desenvolvimento das potencialidades dos sujeitos, promovendo a representatividade de alunos negros, a autodescoberta e a desconstrução de injustiças só[ocio-históricas em prol da emancipação (omnilateralidade e ancestralidade).

A escola assume-se como território de disputa ideológica, problematizando o eurocentrismo e utilizando contos populares africanos para reescrever memórias e saberes silenciados (espaço de luta e socialização), e ao basear-se no Letramento Racial Crítico leva os estudantes a refletir sobre suas realidades, construir ativamente sentidos e desconstruir opressões por meio do diálogo mediado pelo professor (ação dialógica e colaborativa).

O currículo de Língua Inglesa é decolonizado, integrando o conhecimento prévio, a ancestralidade e a análise de condições materiais e discursivas de dominação racial (saber histórico-político) e a autonomia é construída por uma práxis consciente que permite aos sujeitos compreenderem-se como seres sociais, culturais e históricos capazes de agir politicamente na sociedade (emancipação social coletiva). Por fim, a proposta rejeita à noção de neutralidade educativa ao confrontar abertamente o racismo, aliando-se às pedagogias críticas como prática de liberdade para transformar relações sociais.

Em relação à escola plataformizada, a antítese deste estudo, a proposta de Bermejo (2025) não rompe completamente com a dependência de plataformas proprietárias (Wikis, Kahoot, Wordwall) cujos modelos de negócios extraem dados e mercantilizam a atenção escolar. A busca pela superação de uma visão mercantil perpassa também as ideias de Gramsci (1987) ao pontuar a formação dos intelectuais para além de uma formação alienante, em direção a uma formação que modifique o trabalhador e que o faça um agente transformador do mundo. É, pois, tarefa da educação a superação da alienação.

Ao propor que as atividades sejam direcionadas pelo professor em sala de aula presencial, a proposta propicia ainda o debate coletivo, distanciando-se do

Licença CC BY 4.0

isolamento em frente a telas individuais que fragmentam a experiência pedagógica em tarefas virtuais dispersas.

Nos encaminhamentos ao professor, há sugestões de momentos para desenvolvimento crítico das temáticas, sendo que cabe ao professor conduzir o processo de aprendizagem e ir além da redução da riqueza literária dos contos populares africanos a pequenos blocos de vocabulário ou gramática em inglês. Da mesma forma, o professor é direcionado à inserção de aplicativos e jogos digitais, mas é alertado sobre o foco principal, que é combater o racismo estrutural, evidenciando a necessidade de luta política e material concreta.

Em síntese, o produto educacional produzido por Bermejo (2025) se aproxima da superação da escola plataformizada que ambicionamos, mas ainda apresenta pontos de tensão, dentre eles: 1) o risco pedagógico de que os contos populares africanos e o debate profundo sobre raça e racismo sejam reduzidos a um jogo de perguntas e respostas rápidas por pontos, esvaziando a densidade teórica e política exigida pelo Letramento Racial Crítico; 2) a utilização de plataformas proprietárias comerciais para disponibilizar o saber crítico faz com que a prática pedagógica continue submetida à lógica do capitalismo de vigilância.

Os dados de navegação de estudantes (especialmente menores no ensino fundamental) e o controle técnico do repositório ficam sob o domínio de corporações tecnológicas estrangeiras que não possuem compromisso com a transformação social do contexto público brasileiro. Entretanto, o ponto forte está no modo como o produto educacional se consolida como prática de liberdade à medida que submete a tecnologia à centralidade do conteúdo político-pedagógico. Ao tensionar os livros didáticos tradicionais de Língua Inglesa (historicamente eurocêntricos), o repositório atua diretamente na reconstrução da identidade de alunos negros e na formação humana omnilateral, ligando as discussões de sala de aula à realidade histórico-social das relações de produção e da luta de classes.

Licença CC BY 4.0

Considerações finais

Compreendemos que educação não é negócio. Ela tem como objetivo a formação para a vida. A busca pela superação dessa visão mercantil vai além de uma formação alienante e deve seguir em direção a uma formação que modifique o trabalhador, e que o faça um agente transformador do mundo. É tarefa da educação a superação dessa alienação. Sustentamos ainda a necessidade de questionamento e problematização das questões como as pontuadas acima, para a busca de uma educação emancipatória e não o seu contrário, ou seja, a reprodução do *status quo*. A busca pela transformação é perpassada pela compreensão da formação para a humanização do sujeito, e que apoiada no conhecimento científico, seja capaz de contribuir para uma transformação social.

Na antítese, temos uma escola que está sendo pressionada para um uso maior das PDE comerciais como alternativa quase única. Isso é feito sem debates ou qualquer iniciativa que passe por um processo paulatino com avaliações periódicas e ampla participação das comunidades escolares. Quanto mais se desenvolve essa contradição, mais evidente fica que o trabalho na sociedade capitalista está a serviço do capital, e que esse modelo de educação leva ao esvaziamento dos conteúdos. Há, portanto, uma estreita ligação entre a educação e seus determinantes, principalmente condicionantes econômicos e políticos que agem tanto no nível das ideologias pedagógicas quanto nas estratégias que são adotadas para a manutenção das desigualdades.

Na síntese, temos uma escola que busca a superação dessa alienação às quais nos submetemos e somos submetidos. A organização e disponibilização das PDE no Paraná determina o rumo das ações docentes, e ter consciência dessa realidade é uma condição essencial, mas não suficiente para que transformemos esses processos. É necessário que estejamos dispostos a transformar a prática. Assim como a atividade humana, a educação é também trabalho, um trabalho imaterial que gera um saber do conjunto das produções humanas, reproduzindo dialeticamente a humanidade nos indivíduos. Esse trabalho educativo é a educação das consciências e a organização dos meios objetivos e subjetivos para o

Licença CC BY 4.0

desenvolvimento de ações que, a partir de mediações, levem ao conhecimento e transformação da realidade.

Entendemos que os produtos educacionais produzidos em programas de graduação e pós-graduação nas universidades paranaenses são exemplos de propostas educacionais críticas mediadas por tecnologia digital, que buscam promover a escola que desejamos ao se concentrar na formação do sujeito, ao considerar a produção de relações sociais, econômicas e históricas, ao promover espaços de cooperação e coletividade, ao buscar a autonomia do aluno e tornar a sala de aula um local de investigação e ao rumar para o ensino híbrido.

É primordial que a inserção de PDE em contextos de ensino público seja debatida com todos os interessados (professores, gestores, alunos, autoridades) e que iniciativas advindas dos programas de pós-graduação sejam consideradas. Da mesma forma, os investimentos devem ser direcionados à PDE que, de fato, promovam o desenvolvimento da escola que desejamos.

Referências

BALIEIRO, L. T. *Educação e capitalismo de plataforma*: digitalização e conectividade rizomática no ensino - a virtualidade em tela. 2022. 165 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2022. Disponível em: http://old.ppe.uem.br/dissertacoes/2022/2022%20-%20LUAN%20TARLAU%20BALIEIRO.pdf. Acesso em: 2 dez. 2024.

BERMEJO, Rafael . *O letramento racial crítico na produção de um repositório educacional para o ensino de língua inglesa por meio de contos populares africanos nos anos finais do ensino fundamental*. 2025. 54 f. Trabalho de Conclusão Final (Mestrado Profissional em Letras Estrangeiras Modernas) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2025. Disponível em: https://meplem.com.br/wp-content/uploads/2025/04/Rafael_-texto-PDF-defesa-.pdf. Acesso em: 11 ago. 2026.

CAVAZZANNI, A.; SANTOS, R.; LOPES, L. Precarização do trabalho docente: plataformas de ensino no contexto da fábrica difusa. *Cadernos Metrópole*, São Paulo, v. 26, n. 59, p. 209-228, 2023. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/61214. Acesso em: 2 dez. 2024.

Licença CC BY 4.0

CHEPTULIN, A. *A dialética materialista*: categorias e leis da dialética. São Paulo: Alfa-Omega, 1982.

DEUS, R. W. S. de. *Plataforma "Inglês Paraná"*: representações, discursos e ideologias. 2024. 123 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2024.

DUARTE, N. A pesquisa e a formação de intelectuais críticos na pós-graduação em educação. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 89-110, 2006.

DUARTE, Newton. *Os meandros da inclusão excludente*: a formação de professores e a universalização da disponibilidade para aprender. Campinas: Autores Associados, 2016.

FERREIRA, A. E. S. C. S. *Capitalismo de vigilância e plataformização da educação*: um estudo discursivo midiológico. [S. l.: s. n.], 2023. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/378778373_Capitalismo_de_vigilancia_e_plataformizacao_da_educacao_um_estudo_discursivo_midiologico. Acesso em: 2 dez. 2024.

GAMBOA, S. S. *Pesquisa em educação*: métodos e epistemologias. Chapecó: Argila, 2007.

GRAMSCI, A. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

KONDER, L. *O que é dialética*. 28. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos, 22).

LAVOURA, T. N.; MARTINS, L. M. A dialética do ensino e da aprendizagem na atividade pedagógica histórico-crítica. *Interface*: Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu, v. 21, n. 62, p. 531-541, 2017.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846). São Paulo: Boitempo, 2007

MARX, K. *Para a crítica da economia política*. São Paulo: Abril Cultural, 1982. (Coleção Os Pensadores).

MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, K. O método da economia política. *In*: *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

Licença CC BY 4.0

MARX, K. *O capital*: crítica da economia política. Livro I. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2015.

MATOS, D. M. *As avaliações em larga escala e a construção de políticas públicas para a educação especial no Paraná*. 2022. 100 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2022. Disponível em: https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/59430. Acesso em: 2 dez. 2024.

MÉSZÁROS, I. *A educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2008.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. *Plataformas Educacionais*: Escola Digital - Professor. Curitiba: SEED, 2026a. Disponível em: https://professor.escoladigital.pr.gov.br/plataformas_educacionais. Acesso em: 11 ago. 2026

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. *Ferramentas educacionais*: Escola Digital - Professor. Curitiba: SEED, 2026b. Disponível em: https://professor.escoladigital.pr.gov.br/ferramentas_educacionais. Acesso em: 11 ago. 2026.

PESSANHA, R. M. Plataformização da educação: um debate necessário! *In*: *SEMINÁRIO PLATAFORMIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO*: UM DEBATE NECESSÁRIO!, 2023, Curitiba. *Anais eletrônicos* [...]. Curitiba: APP Sindicato-PR, 2023. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1j2LtzEv6De4G17qoE_Jl2N1em44V7Owi/view. Acesso em: 14 out. 2025.

RODRIGUES, F. Em um ano, gasto da SEED com consultorias privadas sem licitação aumenta quase sete vezes. *Portal da Verdade*, Rodrigues, 2024. Disponível em: https://portalverdade.com.br/em-um-ano-gasto-da-seed-com-consultorias-privadas-sem-licitacao-aumenta-quase-sete-vezes/. Acesso em: 2 dez. 2024. *(Nota: unificado com a entrada "Portal da Verdade")*

ROJO, R. H. R. Entre plataformas, ODAs e protótipos: novos multiletramentos em tempos de WEB2. *The ESPecialist*: Descrição, Ensino e Aprendizagem, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 5-25, jan./jul. 2017. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/32219. Acesso em: 6 mar. 2020.

SABADINE, K. M. F.; Mendes, A. A. P.; BRITO, P. S. dos S. Tecnologia e subjetividade: a interação dos professores com o diário de classe digital. *Olhar de Professor*, Ponta Grossa, v. 25, p. 1-24, 2022. Disponível em: https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/18222. Acesso em: 5 mar. 2025.

Licença CC BY 4.0

SANTANA, P. A. R.; SANTANA, N. S.; FIGUEIREDO, D. C. *Uma ferramenta que veio inovar o ensino da Língua Inglesa na rede pública*: análise crítica do discurso da notícia de lançamento da plataforma Inglês Paraná. Ilha do Desterro, Florianópolis, v. 75, n. 1, p. 239-266, 2022. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ides/a/QtJt3N6spGbZbbcGpbpPCmD/. Acesso em: 4 mar. 2025.

SAVARIS, S. B. *Os impactos da Prova Paraná em escolas das redes municipais e estadual de educação básica*. 2022. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2022. Disponível em: https://tede.unioeste.br/bitstream/tede/6259/5/S%c3%b4nia_Savaris.2022.pdf. Acesso em: 2 dez. 2024.

SAVIANI, D. As teorias da educação e o problema da marginalidade na América Latina. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 42, p. 8-18, 1982.

SAVIANI, D. *Escola e democracia*. Edição comemorativa. Campinas: Autores Associados, 2008.

SILVA, E. A. da. *Uma análise quali-quantitativa das atividades de leitura em uma plataforma digital de inglês como recurso didático*. 2023. 102 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2023. Disponível em: https://riut.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/33280/1/plataformadigitalrecursodidatico.pdf. Acesso em: 2 dez. 2024.

SILVA, R. A. *Políticas educacionais e gestão da educação no estado do Paraná em tempos de pandemia de Covid-19*. 2022. 113 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2022. Disponível em: https://repositorio.uel.br/items/3e1d1b25-a194-4ed7-a632-07c5707cf198. Acesso em: 2 dez. 2024.

UEL - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA. *MEPLEM*: Mestrado Profissional em Letras Estrangeiras Modernas. Londrina: UEL, 2026. Disponível em: https://meplem.com.br/. Acesso em: 11 ago. 2026.

VÁZQUEZ, A. S. *Filosofia da práxis*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

VIEIRA, A. L. *A organização pedagógica e o trabalho docente sob a luz da Pedagogia Histórico-Crítica*. 2023. 151 f. Dissertação (Mestrado em Formação Docente Interdisciplinar) – Universidade Estadual do Paraná, Paranavaí, 2023. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=13081257. Acesso em: 2 dez. 2024.

Licença CC BY 4.0

Recebido em: 23 mar. 2026.
Aprovado em: 09 jun. 2026.

Revisor(a) de língua portuguesa: Luana Volpato Ferranti
Revisor(a) de língua inglesa: Bárbara Lopes Garcia de Souza Campos
Revisor(a) de língua espanhola: Calebe Rodrigues Caleffi

Licença CC BY 4.0